

TOMÁS MELENDO FALA SOBRE O AMOR E A FELICIDADE NO CASAMENTO.

por Paulo Faitanin – UFF



O professor Tomás Melendo é Diretor Acadêmico dos *Estudios Universitarios sobre la Familia* da Universidade de Málaga. Amigo e colaborador da Aquinate, nos presenteou com esta brilhante entrevista sobre o amor e a felicidade no casamento. A aquinate.net lhe agradece pela gentileza e disponibilidade.

**Tomás
Melendo Entrevista**

1. Há casais que se querem, mas que tem dúvidas em casar-se ou iniciar uma convivência juntos. Há alguma diferença?

Penso que a diferença é abismal, ainda que entendo que, às vezes, não seja fácil captá-la porque, culturalmente, o matrimônio se encontra hoje vazio de conteúdo. Isso conseguiram as leis e os usos sociais. Não me refiro só ao fato de que em muitos países se encontrem fiscalmente desprotegidos ou às consequências econômicas do divórcio, sem dúvida, mais graves que as da separação depois de uma simples convivência. Refiro, sobretudo, ao fato de que a possibilidade legal de divorciar-se elimina a segurança de que se lutará para manter o vínculo; a aceitação social e jurídica de 'aventuras' extra-conjugais, que inclusive se chegam a considerar como algo 'simpático', suprimem a exigência de fidelidade; e a difusão de contraceptivos tira a importância dos filhos.

Então, o que fica da grandeza e beleza do matrimônio? Para que se casar? Muitos sustentam, em vista de tudo isso, que o importante é que nos queiramos...e é verdade. Mas é precisamente aqui onde se deve aprofundar. Porque para poder querer-se bem, a fundo, com autênticas perspectivas de êxito, é preciso estar casados.

Isso pode assustar, mas não é tão estranho. Em todos os âmbitos da vida humana é preciso aprender e capacitar-se. Por que não no caso do amor? Jacinto Benavente afirmava que «o amor tem que ir à escola». E está certo. Para poder amar é preciso aprender e exercitar-se, fazer atos notáveis de amor, do mesmo modo que é preciso exercitar os músculos para ser um bom atleta.

Pois bem, o casamento habilita para amar de uma maneira real, efetiva, muito superior, insuperável. O casal acaba por não se entender bem: se contempla o casamento como uma cerimônia, um contrato, um compromisso... E não é que tudo isso seja falso, mas sim um tanto pobre. O casamento é, em sua

essência, um ato libérrimo de amor. Sim, ele é um ato profundíssimo, inigualável, único, pelo que me entrego plenamente a outra pessoa e nos decidimos amarmos por toda vida. *É amor de amores*, amor sublime que permite amar. Esse ato tão impressionante me coloca em condições de amar bem: fortalece minha vontade e a faculta para amar em outro nível, me situa em outra esfera. Se não me caso, sem esse ato de amor, estou incapacitado - ainda que eu não o perceba - para amar verdadeiramente ao meu cônjuge, como quem não treina ou não aprende um idioma, por mais que o deseje, não pode sobressair num esporte ou falar essa língua com fluência. Não posso deter-me mais, mas vale a pena pensar sobre tudo isso.

2. Quais as implicações psicológicas que podem decorrer para o casal que optam pela simples convivência?

Há também muitas e claras. O ser humano somente é feliz quando conquista algo grande, algo que mereça ser realizado. E o mais impressionante que um homem e uma mulher podem fazer é amar. Vale a pena dedicar toda a vida ao amor e cada vez mais amar melhor e mais intensamente. Na realidade é a única coisa que vale a pena: tudo demais, tudo, deveria ser tão somente um meio para amar melhor.

Quando me caso, estabeleço as condições adequadas para dedicar-me à tarefa de amar. Se simplesmente vivemos juntos, todo o esforço terei que conduzi-lo, ainda que não seja consciente disso, para 'defender as paixões' alcançadas, para não 'perder o que foi ganho'. O problema mais grave e o que origina todos os demais é, então, a insegurança: a relação pode romper-se a qualquer momento; não tenho certeza de que o outro vai se empenhar seriamente em querer-me e superar as dificuldades: por que eu haveria de fazê-lo? Não posso baixar a guarda, mostrar-me como sou de verdade... para que minha companheira se advirta dos defeitos que não lhe agradem e considere que é preferível não seguir adiante; diante dos obstáculos e contrariedades que necessariamente surgirão, a tentação de abandonar o empenho está muito próximo, já que nada o impede... *Em síntese, a simples convivência sem entrega definitiva cria um clima no que a finalidade fundamental e entusiasmante do casamento - fazer crescer e amadurecer o amor e, com ele, a felicidade - fica muito comprometida.*

3. "O amor é importante, não os papéis". Qual é a verdade disso?

Muito, muitíssimo, inclusive me atreveria a dizer que tudo. O amor é efetivamente o importante. Não há que temer esta idéia. Mas há que explicar que não pode haver amor cabal sem muita entrega, sem se casar. Os papéis, o

reconhecimento social, não são de nenhum modo o que importa... mas resultam imprescindíveis. Por quê? Desde o ponto de vista social, porque meu casamento tem repercussões civis claras: a família é - deveria ser! - a chave do ordenamento jurídico e o fundamento da saúde e o correto desenvolvimento de uma sociedade: resulta imprescindível, portanto, que se saiba que outra pessoa e eu decidimos mudar de estado e constituir uma família. Não somos versos soltos, seres ilhados; mônadas fechadas, sem portas nem janelas, como diriam os filósofos. Mas, sobretudo, a dimensão pública do casamento - cerimônia religiosa e civil, festa com familiares e amigos, participações do acontecimento, anúncio nos meios se for o caso, etc. - deriva da enorme relevância que o que estão levando a cabo, tem para os cônjuges: se isso vai mudar radicalmente minha vida para melhor, se me vai permitir algo que é uma autêntica e extraordinária aventura... gostaria que fosse constante: do mesmo modo que se anuncia com tambor e pratos as demais boas notícias. Muito mais, porque não há nada comparável a casar-se: me coloca numa situação *imelhorável* para crescer pessoalmente, para ser pessoa melhor e alcançar assim a felicidade... no tempo e na medida em que procuro meu cônjuge.

4. Muitos querem viver juntos antes de casarem-se para conhecerem-se, para saber se se dão, etc. Dá bons resultados esta forma de considerar o início da vida em comum?

Suponho que nesse viver juntos está incluído também dormir juntos, ter relações sexuais. Pois bem, as estatísticas manifestam com clareza que tal convivência nunca produz efeitos benéficos. Acrescento somente alguns dados. O primeiro, que os divórcios são muito mais freqüentes entre os que conviveram antes de contrair o matrimônio. Depois, que entre os jovens, quando começam a manter relações, as atitudes mudam notavelmente, pioram: tornam-se mais possessivos, mais ciumentos, mais irritáveis... Por isso os que possuem um pouco de experiência percebem imediatamente quando dois jovens iniciaram esta convivência íntima.

Mas se pode considerar ainda mais profundamente: não é sério nem honrado 'provar' as pessoas, como se tratassem de cavalos, carros ou de instrumentos de música; se as respeita, venera e ama; por elas alguém arrisca a vida 'se joga - como dizia Marañón - a cara e a coragem e o futuro do coração'.

Cabe ainda apresentar outro motivo: não se pode (é materialmente impossível, ainda que pareça o contrário) fazer esta prova, porque o casamento muda muito profundamente os noivos; não somente do ponto de vista psicológico, ao que já me referi, senão também o seu ser: modifica-os profundamente; em

certo sentido, torna-os outros distintos; transforma-os em esposos; permite-lhes amar de verdade: antes não é possível fazê-lo!, como já disse.

Trata-se de um tema apaixonante, que me alegraria desenvolver, mas não neste momento: a chave está em entender de verdade o que consiste a liberdade como capacidade de auto-transformar-se e auto-construir-se... até chegar a total riqueza de uma pessoa plena.

5. Dá a impressão de que o amor sem papéis se enquadra mais com a visão masculina do amor: é isso? Se for, ficaria a mulher mais prejudicada numa relação livre?

Talvez esta afirmação seja aplicável ao pior do estereótipo de «macho» que reina em nossa cultura (e talvez não sem motivo). Graças a Deus, muitíssimos homens não são assim: pessoalmente, não me reconheço de nenhum modo nesta imagem.

Mas não deixa de ser certo que o homem que não quer amar a sério se encontra 'mais à vontade' numa relação sem compromissos. A mulher também, às vezes, ou ao menos assim aparenta: mas de fato, e até certo ponto, a mulher se encontra efetivamente mais indefesa diante da possibilidade de uma ruptura; além disso, sobretudo se teve filhos, fica muito mais marcada e com mais responsabilidades.

De qualquer forma, gostaria de insistir em que, com total independência do que mais tarde aconteça, os prejudicados são os dois, que não podem amar verdadeiramente nem melhorar nem ser felizes. Perdoa-me que insista nisso, mas é capital para enfocar bem as coisas.

A relação entre amor e felicidade é outro grande tema... que parece que agora também há que deixar por hora; o trataremos, se desejais, noutra ocasião.

6. Por que aqueles que não querem um amor com 'papéis' agora estão querendo e inclusive querem regularizar sua situação como casal de fato?

Kierkegaard dizia que o que mais perturba o ser humano, mais que qualquer outra coisa, é a *solidão*. E referia-se principalmente a esse ser distinto dos demais, a permanecer ilhado, por exemplo, defendendo uma opinião que não é a de todos, a que hoje chamaríamos politicamente correta. Temos autêntico pavor a isso.

Apesar de toda legislação contra o casamento segue gozando, na atualidade, de evidente prestígio como situação normal. Não estranha por isso, ainda que possa parecer contraditório, que um casal de fato, reclame o amparo do

direito, que queira igualar sua situação com a dos casados: ser «como os outros», segundo a também conhecida expressão de Kierkegaard, que é um dos modos mais típicos de fugir da ansiedade e da infelicidade, como bem explica a psiquiatria.

7. Dentro do casamento existem diferenças entre contrair um casamento civil ou um religioso?

Primeiro insistiria que em qualquer casamento autêntico e válido já é algo sagrado. De fato, em praticamente todas as culturas se acentuou essa dimensão sacra. E é que é muito sério que duas pessoas decidam amar-se por toda a vida e ponham em jogo sua capacidade de trazer ao mundo adequadamente - como consequência direta e natural do seu amor - novas pessoas humanas.

Mas convém esclarecer isso que é pertinente para todo matrimônio válido, real. E para os católicos, que é o caso mais freqüente na Espanha hoje em dia, um casamento somente no civil não é casamento. É questão de coerência com os próprios princípios. Não é lógico chamar-se católico e não atuar como tal. Nem a fé nem a graça são 'complementos' de tira e põe.

Além disso, o matrimônio-sacramento leva consigo algumas graças especiais que facilitam muito o amor mútuo e ajudam a superar os momentos difíceis que há inclusive entre os casais que se doam.

8. Diante do casamento como eu posso comprometer-me com algo por toda minha vida, se não sei que coisas podem pesar, ou se não escolho bem o companheiro?

Antes de mais nada, diria que para isso existe o namoro, uma 'instituição' muito desprestigiada em nossos dias. É um período imprescindível que oferece a oportunidade de conhecer o outro e dar-se a conhecer ao outro seriamente, de modo que posso sim começar a vislumbrar como será a vida em comum.

Acrescentaria que nenhum ser humano, em nenhum âmbito de sua vida, pode saber com o que se deparará no futuro. Isso seria julgar-se «super homem», ser «como deuses». Toda decisão com relação ao porvir implica um certo risco que incrementa seu caráter de aventura e que alguém encara com esse espírito esportivo, audaz e arriscado. O exemplo mais evidente seja talvez o dos bons empresários.

Além do mais, isso não é arriscar às escuras, pois se sou como devo ser e já sei o bastante o que pode ocorrer, já sei o bastante o que vai ocorrer quando me

casar: sei de fato que vou aplicar todos os meus esforços para amar a outra pessoa e procurar fazê-la feliz. E se este propósito é sério e conheço minimamente o outro, isso será compartilhado por ele ou ela: o amor chama o amor. Podemos, portanto, ter a certeza de que vamos tentar para que dê certo utilizando todos os meios. E então não é nada fácil que fracasse o casamento. A chave está sempre na própria pessoa, na disposição firme de amar. Se for sincero, costuma contagiar o outro.

9. Diante destas interrogações quando tem de se pensar para casar?

Não acredito que a pergunta mais importante seja 'quando'. Isso depende de muitas circunstâncias. Não significa o mesmo um namoro aos 16 anos que um aos 25 ou aos 32: há maturidade nos dois últimos casos e maior capacidade para conhecer com melhor velocidade o outro.

Mas o mais importante são as características que tenho que ter em conta. Por exemplo, se 'me vejo' vivendo durante o resto dos meus dias com esta pessoa; e, também, como ela se relaciona com o trabalho, com a família, com os amigos; se sabe controlar seus impulsos sexuais (pois ninguém me assegura que seja capaz de fazê-lo); se gostaria se meus filhos se parecessem com ele ou com ela... porque de fato parecerão, queira ou não; se o 'vejo' como o pai e a mãe adequada para meus filhos; se está pendente do bem comum ou dos seus caprichos... Enfim, ficar atento mais ao que é, ao que faz e como se comporta (não somente consigo mesmo, mas contigo, com a família, no trabalho, na vida social, com os amigos, com Deus ...); e em terceiro lugar, ao que diz ou promete, que somente terá valor quando concorde como o que é e com a sua conduta.

10. De que coisas convêm estar bem seguro antes de dar o passo? Como se podem conhecer estas coisas cruciais? (Dá a impressão de que falando somente é um método muito débil, pois podem enganar)

Boa parte desta pergunta já respondi. Resumo: do que devo estar seguro é que se trata de uma boa pessoa ou de que possa chegar a ser e está disposta a lutar para consegui-lo... e começa esse combate antes já do casamento (um dos enganos mais perniciosos com relação a isso é a convicção, mais freqüente talvez nas mulheres, de que ao se casar comigo vai 'mudar'). E também de que efetivamente me ama: que vai colocar meu bem real e o dos nossos filhos acima dos seus interesses e ambições. E obviamente, que eu esteja disposto ou disposta a fazer o mesmo pelo outro.

11. A que se deve hoje namoros longos, sem nenhuma pressa para casar?

Estimo que as razões sejam múltiplas e que em cada caso influi umas e outras, daí ser difícil generalizar. Não se pode descartar o simples costume: o homem e a mulher tendem a imitar o que os demais fazem e hoje é bastante comum esse retroceder ao que lhes servem de modelo.

Se quisermos ir mais a fundo na questão caberia destacar uma via otimista. Alguns jovens são conscientes de que, por muitos diversos motivos, não estão ainda preparados para assumir as cargas - gozosas, mas custosas - do casamento e os filhos. E preferem amadurecer antes de dar um passo tão decisivo.

Mas há também, não raro, sem plena consciência, motivos menos positivos: um certo medo do compromisso, o afã de segurança tão característico de nossa época e tão 'neurotizante', a tranqüilidade de estar vivendo sob o amparo e a custa de papai e mamãe, inclusive a pretensão um tanto ingênua - porque acaba de converter-se no contrário do que buscam - de 'aproveitar' o melhor do amor sem responder por suas conseqüências desagradáveis (e a isso costuma-se acrescentar quando os namorados já vivem a mal denominada 'vida de casal')...

12. Outras questões que consideram os casais antes de ter os filhos: nestes primeiros anos de vida em comum 'vamos esperar para ter os filhos, queremos conhecer-nos, aproveitar um pouco'. Os filhos são inconvenientes para o mútuo conhecimento e felicidade do casal?

Tudo ao contrário: os filhos são um dos meios mais impressionantes para melhorar a relação entre os esposos. Aqui recorro a minha experiência e a de muitos casais em iguais circunstâncias. Posso dizer com plena sinceridade que o maior efeito da chegada de um novo filho em casa foi o de incrementar notavelmente o amor - e também a atração, inclusive sexual - entre eu e minha mulher.

Tudo isso tem fundamentos filosóficos muito profundos que não posso desenvolver, como o filho é a encarnação vital do meu amor e o da minha mulher, como uma síntese de ambos e que, portanto, ao querê-lo o quero por 'duas vezes' e com maior intensidade, a minha mulher e a mim mesmo... e muitas outras questões maravilhosas sobre as quais se deveria refletir.

Mas seria entrar em questões profundas impróprias para uma entrevista. Recorro, portanto, novamente, ao meu testemunho pessoal. Inclusive vencendo um natural pudor e exclusivamente para que comprovem que não é

uma resposta inventada agora para sair-se bem, me atreveria a presentear-lhes com um soneto que compus para minha mulher - só para ela - depois do nascimento do nosso sétimo e último filho. Peço perdão pela temeridade e, também, aos que não agradem a poesia [em razão da beleza do original, não traduzimos a poesia]:

SIETE VECES, MUJER, HAS TRANSCENDIDO,
siete veces con Dios te has tuteado,
siete veces mi amor has condensado,
siete veces el mundo has resumido.
Siete veces, mujer, he presentido
siete abismos que en carne has substanciado,
y en las siete, al nacer, he comprobado
que mi pasión por ti había crecido.
No fue sólo cariño lo ganado,
ni fue hondura de amor comprometido,
materia del espíritu señero;
también mi ardor rugió multiplicado,
también vibró mi cuerpo enardecido:
fue exaltación total del hombre entero.

13. Outras pessoas esperam para resolver a sua situação econômica, de trabalho, de moradia, etc. Quando é o momento idôneo para começar a ter filhos?

Quando alguém se case. O amor, todo amor, é naturalmente fecundo. Platão o definiu como 'um afã de gerar na beleza'. O amor conjugal tem uma especial fecundidade, que é dar a vida a novas pessoas. Limitar ou impedir a fecundidade de qualquer amor, também do conjugal, é cortar-lhe as asas e, com isso, colocar claros obstáculos para a própria felicidade. Vale a pena o esforço inegável que vem com cada filho, entre outros motivos, porque isso supõe uma melhora do amor recíproco. A chave de todo o assunto, como venho repetindo, é o amor.

Por outra parte, apesar das mudanças notáveis e inegáveis que a sociedade experimentou, segue sendo certo aquele ditado que diz 'que cada filho traz um pão debaixo do braço'. Aqui o problema e digo logo sem ironia é que para muitos e para nós também o 'pão' já não nos parece suficiente. Aspiramos um nível de vida tão cheio de realidades supérfluas que a oportunidade de conceber e trazer à existência um novo filho se vê profundamente

abandonada... para depois condenarmos e condená-los a uma insatisfação endêmica, derivada justamente de «ter demasiado tudo».

Em qualquer caso, se efetivamente as circunstâncias não permitir tê-los, meu conselho é que atrasem o casamento até que a conjuntura melhore. Mas repito a advertência anterior: as pretensões de comodidade atuais para chegar ao casamento são desmedidas. Um filho vale infinitamente mais do que um carro, uma televisão, uma casa bem mobiliada...: é uma fonte incomparavelmente maior de felicidade.

14. Um casal procura ter um filho quando já conseguiu um nível de bem-estar, mas de repente acontece um problema e fica sem trabalho e com o filho recém-nascido ou a caminho. Com que atitude há de esperar os filhos para que não nos afetem as mudanças que sucedem na vida e que não podemos prever?

Essas mudanças têm que nos afetar, pois não somos de pedra. Penso que a tua pergunta se refere ao fato de que não produzam em nós alguns efeitos desproporcionais ou nos levem a atuar de forma da qual mais tarde nos arrependamos.

A adequada atitude ante o filho é considerá-lo como o que é - uma pessoa - e, por isso, com independência de toda circunstância, como um grande bem: o mais perfeito que existe na natureza, como diziam os clássicos, ou um filho de Deus, se quer ver mais claro. Uma pessoa, além do mais, é fruto de nosso amor e que vai justamente incrementá-lo, como antes dizia, ainda que em meio a sacrifícios pessoais.

Aqui entraria outro tema de importância capital na cultura hodierna: entendemos a felicidade como total ausência de dificuldades, de esforço, de dor... Mas não é assim. Como já apontava, a felicidade é proporcional - exclusivamente proporcional - me atreveria acrescentar - ao amor. E o amor tempera e melhora, se pule, cresce... precisamente mediante o sacrifício (e, também, sabendo aproveitar profundamente as alegrias da vida conjugal e familiar, que superam em muito as contrariedades). O que hoje pretendemos evitar a todo custo qualquer moléstia ou sofrimento constitui uma das causas de tanta infelicidade... e de tantas neuroses, como bem experimentado tem os psiquiatras.

15. É um 'casal' o número ideal de filhos?

Estimo que assim, em abstrato, não há um número ideal de filhos. O determinante é a atitude dos pais entre si e para com a possível descendência.

E a alternativa é, já desde antes da chegada da descendência e, inclusive desde antes do namoro, o amor real ao outro... e não o egoísmo. Se minha namorada ou meu namorado, se minha mulher ou meu marido é mais importante do que eu e ele ou ela me corresponde da mesma forma, estamos colocando as bases para que nosso casamento seja muito bom.

Queremo-nos verdadeiramente e queremos também verdadeiramente o fruto natural desse amor. Seja um, dois ou muitos ou nenhum, os filhos sempre constituirão uma prova de amor mútuo, ao mesmo tempo em que o término ou o fruto desse amor conjunto.

Propriamente não se busca nem se evita um filho. O que se trata é de amar com autêntica paixão o cônjuge, assumindo todas as conseqüências que daí se derivam. Se, como resultado deste amor, vêm muitos filhos, magnífico: eles também serão amados. Se vem somente um ou dois, maravilhoso também. E igual, exatamente igual, se não chega nenhum.

De qualquer forma, por minha experiência em comparação com meus amigos que tem menos, posso afirmar com pleno convencimento que educar sete filhos, como é o meu caso, supõe muitíssimos menos problemas que educar um ou dois. O filho único está normalmente em inferioridade de condições e o par de filhos casal equivale a dois filhos únicos. (Neste sentido, há quem afirme com graça que hoje boa parte das crianças ocidentais são 'um pouco órfãs' - ao menos de pai, que sequer se ocupa com eles - e 'um pouco filhos únicos', por tratá-los como tais, por serem dois).

Uma pessoa é o que de melhor existe no mundo e que podemos oferecer a outra: na realidade, a única coisa digna de ser oferecida. A convivência com os irmãos apresenta muito mais vantagens que todas as comodidades, atenções e mimos que os pais possam brindar os filhos, em troca destes irmãos.

16. Muitos pais não têm mais filhos porque pensam que vão prejudicar aos que já têm, onde está o equilíbrio entre o número de filhos, o bem-estar e a atenção dos pais?

Permita-me que retorne à mesma questão: o equilíbrio está no amor e em sua conseqüência natural: a alegria, por um lado (volto a sublinhá-lo) e o sacrifício, por outro, que é o que agora nos interessa. Ainda que não acabasse de enquadrar bem esta afirmação, Freud dizia que o amor nos torna vulneráveis. Quando amo, tenho que estar disposto a sofrer... ainda que com a consciência clara de que essa dor não somente não é incompatível com a felicidade, senão um dos seus componentes aqui na terra. Se se aceita isso - e a mentalidade contemporânea tende quase visceralmente a abandoná-lo -, já se conseguiu o equilíbrio. Cabe agora somente aplicá-lo à situação concreta de vida.